
**ENTREVISTA COM O ESCRITOR
JOSÉ ROBERTO TORERO FERNANDES JUNIOR**

Interview with the writer José Roberto Torero Fernandes Junior

Berta Lúcia Tagliari Feba¹
Renata Junqueira de Souza²

José Roberto Torero tem vasta obra. O objetivo desta entrevista é enaltecer esse importante produtor cultural do nosso país, assim como refletir acerca de sua produção literária voltada para crianças e jovens. Ele nasceu em 1963 e tem formação em Letras e Jornalismo. Recebeu o Prêmio Jabuti em 1995, pelo livro *O Chalaça*, já produziu roteiros de filmes, como o *Pequeno dicionário amoroso* (1997), e de televisão, como *Professor Planeta* da rede ESPN Brasil (1995 a 1997). É autor de peças de teatro e ativo escritor de crônicas da atualidade, com “Diário do Bolso”, na Rede Brasil Atual. Em parceria com Marcus Aurelius Pimenta e da “Coleção Fábrica de Fábulas” escreveu, por exemplo, *Os 33 Porquinhos, Branca de Neve e as sete versões, Chapeuzinhos coloridos e Os oito pares de sapatos da Cinderela*.

1) Sua produção literária é permeada por recontos. Gostaríamos de saber como pode ser conceituado o reconto voltado para crianças e jovens e como se dá seu processo de criação.

Acho que podemos chamar de reconto o texto que utiliza como ponto de partida uma ficção já existente, reaproveitando elementos reconhecíveis desta matriz. Quanto ao processo de criação do reconto, no meu caso é mais ou menos assim:

- a) escolho uma história (agora estou escrevendo “A nova roupa nova do rei”);
- b) leio esta história em várias versões e, se possível, textos acadêmicos sobre ela;

¹ Doutora em Letras e professora de Comunicação e Expressão da FATEC de Presidente Prudente. E-mail: berta.tagliari@gmail.

² Livre-docente pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Presidente Prudente – SP. E-mail: recellij@gmail.com.

- c) debato com o coautor do texto (quase todos os meus recontos foram feitos em parceria com Marcus Aurelius Pimenta) sobre os pontos em que podemos mexer na história e qual a estrutura ideal para ela (a maioria dos nossos livros pedem a participação do leitor na escolha de caminhos da narração);
- d) planejamos todos os capítulos do livro, inclusive (e, talvez, principalmente, seus vários finais);
- e) geralmente um de nós escreve todo o livro. Depois, o outro reescreve tudo. O primeiro retoma o texto e reescreve mais uma vez. Aí o segundo reescreve de novo e assim vai. Quando temos uma boa versão, sentamos frente a frente e fazemos as versões finais, sempre lendo em voz alta para achar a música e o ritmo do texto.

É interessante notar que nosso planejamento inicial nunca dá totalmente certo (às vezes, nada certo). Por isso, às vezes, quando estamos no item “e”, temos que voltar para o “d” e repensar a história. É o que aconteceu agora com “A nova roupa nova do rei”. Tivemos uma nova ideia durante a escritura: fazer os diferentes finais em diferentes tempos e lugares. E assim tivemos que replanejar o livro.

2) A representação das personagens em um texto literário pode ultrapassar o mundo ficcional e atingir o leitor por meio da transposição de experiências vividas na leitura. Como acredita que esse processo pode ocorrer com suas personagens?

Acho que, no caso do reconto, não são apenas as personagens que ultrapassam o mundo ficcional. O próprio ato de recontar, de mudar o que parecia imutável, já é uma experiência que pode atingir o leitor. Ele percebe que as histórias (e a História) não são eternas, não são acabadas. Tudo é uma questão de como se conta algo. Penso, ou sonho, que isso pode ensinar o leitor a relativizar as verdades absolutas, a ver que todas as histórias (e a História) podem ser modificadas.

3) Um paradoxo pode ser percebido na atualidade quando pensamos na importância da formação leitora de crianças e jovens e na relevância da literatura para a formação do homem. Por outro lado, notamos falta de diálogo, fechamento de editoras, crises diversas. Como é escrever e criar nos dias de hoje?

Acho que sou um tanto otimista quanto a esse paradoxo. Penso que ele é apenas um tropeço numa caminhada. No meu tempo de criança lia-se muito menos do que se lê hoje. É claro que, se você pensar nos últimos três anos, houve uma queda no número de editoras, de novos livros lançados e,

talvez, no de leitores. Mas, se você pensar nos últimos trinta anos, o ganho foi grande.

4) Em várias de suas obras o leitor é chamado a participar. É ele que decide o caminho a seguir na leitura. Você acredita que dessa maneira o leitor tem mais autonomia? Por quê?

Sim e não. O “não” é porque a ideia é que ele explore todas as opções, e desse modo ele tem uma autonomia apenas relativa. A minha intenção é que ele leia o livro inteiro, e não apenas um dos caminhos. O “sim” é porque esse modo de escrever mostra que há pontos de virada, momentos na história em que você pode influir, e isso talvez o prepare um tanto para criar narrativas. Visito muitas escolas e o que vejo é que isso dá certo. Depois da leitura de “Chapeuzinhos Coloridos”, por exemplo, as crianças inventam muitas outras histórias.

5) Há ainda um belíssimo trabalho com a materialidade do livro, como por exemplo em *Os 33 Porquinhos* (Companhia das Letrinhas). Além da formação desse leitor autônomo, os livros exigem uma mediação. O que esperar do professor-mediador?

Acho que os melhores professores-mediadores que vi têm duas características: gostam de ler (e com isso se divertem e passam esse prazer aos alunos) e fazem com que a experiência de leitura não tenha um fim em si mesma. Ainda mais no caso dos recontos, parece um passo natural que o leitor aproveite para também se tornar um criador ou recriador. Isso pode se dar através de peças de teatro, desenhos, esculturas, músicas e, principalmente, com novas histórias.